

BAUDUIN, Pierre. *Historia de los vikingos. De las invasiones a la diáspora*. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2025, 709 pp. ISBN: 978-84-1340-962-7

Reseña de acceso abierto distribuida bajo una [Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional \(CC-BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). / Open access review under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License \(CC-BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

DOI: <https://doi.org/10.24197/bberp930>

Qual a melhor forma de escrever sobre a Idade Viking no seu conjunto? Especificamente, como fazê-lo para um público alargado, não apenas académico, de uma maneira ao mesmo tempo compreensível e rigorosa? Sem surpresa, a resposta será subjetiva, variando conforme as preferências de cada pessoa, e sem que haja opções perfeitas, pois qualquer uma terá sempre vantagens e desvantagens.

No caso do livro de Pierre Bauduin, a escolha recaiu sobre uma organização mais temática do que cronológica. Embora este último modelo não esteja inteiramente ausente, os capítulos não se sucedem por séculos ou fases temporais, do início da Idade Viking até ao seu final. Não é, por outras palavras, uma tabela cronológica em modo narrativo. Em vez disso, é-nos oferecida uma análise acima de tudo temática que se estende para lá dos limites aproximados do período, numa perspetiva de *longue durée* que obriga a ver o mundo dos vikings não como uma realidade contida e nascida *ex-nihilo*, tão súbita quanto alguns dos relatos dos primeiros ataques querem fazer crer, mas como um prolongamento do que veio antes e com consequências para lá do término aproximado da época. A realidade histórica não se faz de imediatos, mas sim de processos. Aliás, mais do que se debruçar apenas sobre os séculos próximos do período, Pierre Bauduin estende a análise aos nossos dias. Porque, ao não terem ficado encerrados na documentação medieval para não mais voltarem à luz do dia, os vikings são uma presença recorrente na cultura popular moderna; recorrente e, com frequência, distorcida por mais de um século de imaginação, levando a que hoje eles sejam concebidos com contornos que lhes seriam, pelo menos em parte, bizarros.

O livro abre precisamente com essa desconstrução da imagem *pop* presente, ainda muito marcada pelo romantismo e por produções primeiro cinematográficas e, depois, televisivas. À boa maneira socrática, há uma demolição do que se julga saber para, nos restantes capítulos, o leitor construir

um edifício mental mais próximo da verdade. E, pedra a pedra ou – menos metafórico – página a página, esse trabalho faz-se. Há uma apresentação inicial das fontes, que é breve, mas essencial para se compreender os limites do conhecimento e, por isso, do que se pode dizer sobre os vikings com algum rigor. E segue-se-lhe um resumo do período, que é a única parte do livro onde a orientação é mais cronológica. Nem de outra forma poderia ser, pois trata-se de um volume direcionado não tanto (ou não só) para especialistas, mas antes (ou também) para um público alargado cujo conhecimento do tema poderá ser pouco profundo, não estando, assim, familiarizado com os diferentes cenários da Idade Viking e o desenrolar dos processos da época. Há que informar antes de elaborar, porque um edifício não se ergue sem alicerces assentes.

Feito o esforço introdutório, dá-se o mergulho no passado profundo. O livro contextualiza o mundo viking na Idade do Ferro escandinava, discorre sobre a organização política, a religião, a sociedade, as relações entre indivíduos e identidades de género, os recursos naturais e a economia da região. Assuntos que, em parte e à primeira vista, podem parecer estar fora do âmbito temático, mas que são essenciais para se compreender a génese, dinâmicas e motivações do período em causa. Porque os vikings não eram uma etnia ou um povo à parte, muito menos uma civilização ou império separados, mas membros móveis das várias comunidades da Escandinávia antiga. E, assim sendo, perceber a época obriga a conhecer o mundo que lhe deu origem e alimentou o fenómeno viking – e as novas realidades que ele criou – durante vários séculos. Essas mesmas realidades estão plasmadas na parte seguinte do livro, que aborda a navegação, a migração, a colonização e os mundos em rede. Fenómenos nos quais a violência desempenhou um papel importante, mas não exclusivo, motivo pelo qual ela ocupa as páginas sucedâneas. E nelas, há o devido nuance com a necessária contextualização: fala-se de guerra e do uso da força, mas também do seu grau num mundo onde, parafraseando Eric Christiansen, a nossa noção atual de humanidade seria estranha; e fala-se também dos compromissos e dos acordos de paz, dos seus ritos e pressupostos, com os dos vikings a não serem, necessariamente, os das suas vítimas e adversários. Esse tema serve de ponte para a seguinte e última – e também mais extensa – parte do livro, que versa sobre as identidades culturais e as suas transformações. Em concreto, a cristianização, a centralização política, a insularidade, a assimilação, a acomodação e a hibridação. Não foi só o mundo atingido pelos vikings que mudou: foi também o deles, porque, num contacto prolongado, as transformações vão nos dois sentidos, não deixando nenhuma das partes imunes. Dentro desse tema

geral, o derradeiro capítulo antes da Conclusão é da especialidade de Pierre Bauduin: a Normandia! O autor é um historiador que se debruça há anos sobre os normandos, pelo que o enfoque final é muito bem vindo, enriquecendo o livro.

A riqueza das suas páginas vem também pela abundância de teses historiográficas com que um leitor se depara. Longe de ser um volume onde o autor discorre sobre o tema apenas do seu ponto de vista, de acordo com a sua opinião, trata-se de um livro onde a dissensão, o debate, as incertezas e as atualizações de que se faz a História – a ciência que estuda o passado – surgem de forma clara. E isso é importante, porque, para uma parte nada negligenciável da população, historiografar é “contar as coisas tal como elas sucederam” e o que foi determinado pelos historiadores num momento vale para todos. Como se fosse conhecimento assente, assunto encerrado em que qualquer proposta de alteração é qualificada de revisionismo ideologicamente tendencioso. O debate (ou a falta dele) em torno do uso ou não do termo *Reconquista* é disso exemplo. Mas a História não se faz de verdades finais, para sempre estabelecidas; faz-se, isso sim, de aproximações à verdade, como diria Karl Popper. E esse aproximar é sempre provisório, porque está assente em informação incompleta sobre o passado (que pode ser aumentada com novas descobertas) e em modelos interpretativos que respondem às ideias e movimentos de determinadas épocas (mas não de outras). Mais do que uma necessidade, o debate e a revisão são uma consequência natural das regras de uma ciência moderna. E daí que, ao longo das mais de quinhentas páginas do livro, sejam apresentadas diferentes teses sobre diversos tópicos, algumas delas já desatualizadas ou desacreditadas, mas ainda assim parte do somatório de esforços que conduziu ao conhecimento presente. Fala-se, por exemplo, das várias propostas sobre as causas da Idade Viking, de distintos modelos de classificação de portos ou pontos de comércio, da mudança de perspetivas sobre a dimensão do chamado Grande Exército à medida que novas descobertas obrigaram a rever teses, de visões diferentes sobre os costumes legais na Normandia e de novos conceitos, como o de *coopetição*, uma junção das ideias de cooperação e competição, com os quais se procura captar melhor os processos históricos do período – no exemplo atrás, na Europa de Leste. É um livro dotado de uma magistralidade historiográfica ou não fosse o seu autor um historiador com décadas de experiência na área.

Dito isto, é a *Historia de los vikingos* de Pierre Bauduin um livro acessível a um público sem qualquer conhecimento prévio do tema? A menos que se trate de leitores habituados a usar volumes extensos para mergulhar em matérias que lhes são novas, a resposta é não. Para quem nunca teve um

contacto mais do que superficial com o mundo viking e é estranho a publicações académicas, o livro poderá ser esmagador pela sua dimensão, estilo e organização temática. Para primeiro passo, haverá certamente obras mais acessíveis. Mas para um contacto de nível intermédio ou superior, recomenda-se vivamente, tanto para leigos que queiram aprofundar o seu conhecimento, como para especialistas em busca de uma obra de síntese. A extensão, o detalhe informativo, a análise crítica e a atenção dada ao nuance com que o passado deve ser lido, de modo a evitar anacronismos e simplismos perigosos, fazem do livro uma obra de elevada qualidade. Já para não falar da natural riqueza bibliográfica que um tomo com tais características terá de ter. Nos dias que correm – no tempo da pós-verdade, das opiniões extremadas e das explicações de um minuto ou menos – a *Historia de los vikingos* de Pierre Bauduin é um trabalho bem vindo e necessário. Que haja mais como ele! E que haja também um público numeroso com disponibilidade e a possibilidade de ler – este e outros volumes.

Hélio Pires  
Instituto de Estudos Medievais  
Universidade Nova de Lisboa - FCSH  
[heliopires@sapo.pt](mailto:heliopires@sapo.pt)